



W-8
CRÓNICA
Desportiva

MÁRIO DE AGUIAR apresenta

CRÓNICA

Desportiva

N.º 8 — 2-VI-1957

Director e Editor: VASCO SANTOS

Redacção e Administração: Rua Saraiva de Carvalho, 207 — Telefones: 66 86 39 e 66 86 84 — Propriedade de AGUIAR & DIAS, LDA.—Distribuição da AGENCIA PORTUGUESA DE REVISTAS — Composto e impresso nas oficinas da E. N. P (Anuário Comercial de Portugal)

TODOS OS DOMINGOS

CARA
A
CARA

TEM circulado noticias decerto modo vagas em referência ao «Estatuto do Jogador». Segundo essas noticias, este trabalho foi reprovado numa reunião de dirigentes de clubes em Caldas da Rainha. E, pelos vistos, voltamos, ao princípio. É pena. Estávamos convencidos que o Estatuto iria vigorar já na próxima época e afinal não vemos jeito disso.

Já se elaboram, quer por iniciativa particular ou oficial, algumas quatro ou cinco versões do famoso «Estatuto do Jogador». E não há meio de se encontrar um que agrade a «gregos e troianos». Porquê?

Podíamos enumerar aqui uma série de razões. Basta que se cite àquela que deve ter influido no ânimo dos dirigentes de clubes que reprovaram a última versão: o profissionalismo não interessa verdadeiramente aos clubes! Não lhe convém uma rigorosa lei que lhe fixe

PORQUE NÃO A LEGALIZAÇÃO DO PROFISSIONALISMO POR ETAPAS?

deveres (especialmente pecuniários) para com os jogadores. Prefere-se a situação actual. Quando há dinheiro paga-se. Quando não há, não se paga... e fica-se com os jogadores na mesma!

Ora isto não está certo, e louve-se a boa vontade das entidades superiores em ver aclarar uma situação que já não ilude ninguém, e que precisa de ser prestigiada por qualquer ângulo que se observe. Todavia, reconhecemos que as possibilidades do meio devem ser atendidas com a máxima prudência.

Os clubes não repudiam o profissionalismo a sério, por espírito de «exploração de jogadores», mas porque não confiam nas suas disponibilidades financeiras. Defendem os seus interesses, na medida em que julgam salvaguardar os próprios meios de sobrevivência.

Como resolver então esta situação? Eis uma ideia:

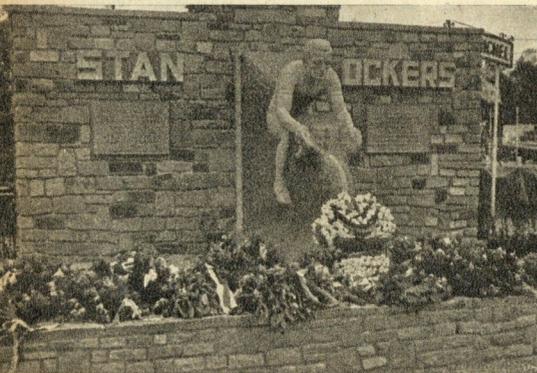
Introduza-se o profissionalismo por etapas! Primeiro, só o reconhecimento oficial, diremos legalização, do profissionalismo no futebol, fixação de ordenados mínimos, e sem carácter obrigatório, a criação de secções profissionais. E também para já a determinação dos juniores serem maiores.

Depois, mais tarde, quando já se fizesse uma ideia dos efeitos do novo regime, passar-se-ia à segunda fase — aquela que também atemoriza os dirigentes dos clubes: uma nova lei de transferências, isto é, contratos por prazos limitados. Ou, então, desejando-se legislar desde já, em novos moldes, as transferências, criar uma disposição transitória, de maneira que continuem ligados aos seus actuais clubes os jogadores qualificados por eles há x épocas.

Sim, porque introduzir o profissionalismo e «libertar» todos os jogadores ao mesmo tempo deveria constituir um problema bicudo para os clubes...

Finalizando: haja ou não para a próxima época um Estatuto do jogador, é imperioso que a ideia não morra. Mais vale tarde...

À MEMÓRIA DE DOIS GRANDES DESPORTISTAS



FEZ oito anos no passado dia 4 de Maio que os famosos jogadores do Torino pereceram trágicamente em Superga quando, após o seu encontro com o Benfica, no Estado Nacional, na festa de homenagem ao internacional Francisco Ferreira, regressavam a Itália.

O Torino, todos o sabem, era a melhor equipa transalpina e fornecia à «squadra azzurra», normalmente, oito jogadores mas todos os restantes eram internacionais.

Passados oito anos, os desportistas italianos continuam a fazer romagens ao túmulo dos inditos jogadores da sua pátria.

*

No alto da encosta das Forges, na Bélgica, os amigos do malogrado Stan Ockers fizeram erguer este monumento à sua memória. Há dois anos, Ockers, sózinho, passou neste local à frente de um pelotão de «ases» e conquistou a «Flecha da Valonia». Dias depois, o grande estradista, campeão do Mundo, vítima de um desastre, falecia.

Virgílio Teixeira no papel de «internacional» de hóquei em patins em «Dois dias no paraíso».

O desporto tem servido inúmeras vezes de tema palpitante para o cinema. Especialmente no estrangeiro têm-se produzido vários filmes, com o aliciente de apresentar na tela os próprios «ases» do desporto. Ainda recentemente vimos Bob Mathias grande decatonista na versão cinematográfica da sua própria história, e que recebeu o título de «A conquista da Glória», e não há muito a odisseia de Kubala serviu de tema a um filme em que o próprio jogador foi principal protagonista.

Mas outros desportistas famosos figuram já em filmes, como Jonny Weissmuller nas antigas fitas do Tarzan, José Walcott e Max Baer, em «Queda de um corpo», etc..

Em Portugal também se têm feito algumas tentativas no género. No «Trevo das Quatro Folhas», produzido ao tempo da celeberrima derrota em Madrid por 9-0,



DE DESPORTISTAS A ASTROS DE CINEMA

houve várias cenas alusivas ao futebol, uma delas com Adolfo Mourão, consagrado «internacional», e Nascimento Fernandes, actor de grandes recursos, já falecido no ano passado.

A acção do «Leão da Estrela», com António Silva no papel de um entusiasta da bola, gira à volta do futebol, mas não apresenta nenhum jogador em especial. Rodou-se também «Bola ao Centro», mas sem êxito no meio desportivo, pois o tema não foi feliz.

Agora, parece que as atenções dos nossos cineastas se voltam de novo para o desporto, pois o filme «Dois dias no Paraíso», com Milu e Virgílio Teixeira inclui cenas do campeonato internacional de Hóquei em Patins, e além disto, Alberto Ribeiro projecta produzir um filme versando a história de Alves Barbosa.

Entre os vários desportistas portugueses que mais tarde se dedicaram ao cinema podemos indicar Oliveira Martins, grande jogador de basquetebol do Sporting, e também futebolista, Eugénio Salvador, extremo do Benfica, Tomás de Macedo, Sporting, Virgílio Teixeira, que foi guarda-redes do Marítimo da Madeira, etc.. E entre os desportistas da actualidade que sonham em seguir a carreira cinematográfica, se se apresentar oportunidade para isso, figura o guarda-redes do Sporting e da selecção nacional, Carlos Gomes. Quem sabe se, depois de o termos admirado nos estádios, passaremos a admirá-lo também na tela...



Mourão e Nascimento Fernandes no filme «O Trevo das Quatro Folhas».

O MIRANTENSE F. C. é grande em pingue-pongue

Fundado em 1 de Maio de 1935 — tendo festejado, portanto, há pouco, o 22.º aniversário — o Mirantense Futebol Clube é das colectividades populares que mais se têm distinguido, mormente em pingue-pongue.

De 1950 a 1952, o Mirantense orgulhou-se de ser campeão nacional na categoria de pingue-ponguistas infantis.

Também foram campeões de Promoção, III e II Divisões, em 1.ª categorias. Entre os bons pingue-ponguistas que têm dado, figuram Fernando Fonseca, Joaquim Azevedo e José Louro, este, campeão nacional infantil que ingressou no Benfica.

Devido a inactividade na época passada, o Mirantense baixou de Divisão, tendo ficado em 2.º lugar no último campeonato da III Divisão. Em juniores continua a ser dos primeiros.

O «palmarés» em futebol também é interessante. O Mirantense foi já campeão da Promoção em 1943-44. Em reservas foram também campeões de série e finalistas em 1939-40.

Actualmente, só se dedica ao futebol de juniores. Não teriam os mirantenses dúvidas em praticar futebol - seniores, se tivessem campo. Não basta tê-lo ao domingo para jogar. Precisam também de «reinar»...

A equipa de juniores que em 1951-52 foi 2.ª na primeira fase do campeonato de juniores da A.F.L.



Alguns elementos directivos em plena laboração:
dr. Valente Nogueira (presidente),
António Dias (Vice-presidente),
Sebastião Coutinho (secretário geral),
António Dias (secretário-adjunto),
António Bento (tesoureiro),
Armando Barros e **Joaquim Conceição** (vogais).



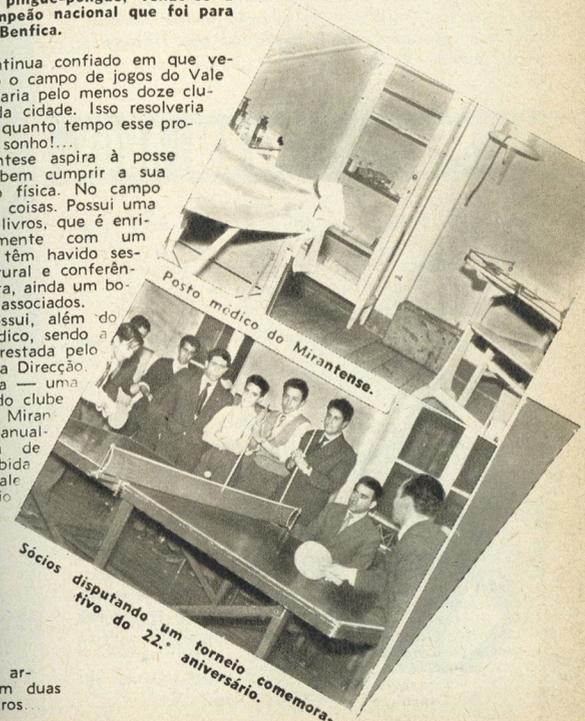
A equipa infantil de pingue-pongue, vindo-se à direito José Louro, campeão nacional que foi para o Benfica.

O Mirantense continua confiado em que venha a ser construído o campo de jogos do Vale Escudo, que beneficiaria pelo menos doze clubes daquela parte da cidade. Isso resolveria o problema. Mas há quanto tempo esse projecto não passa de sonho!...

Também o Mirantense aspira à posse dum ginásio, para bem cumprir a sua missão na educação física. No campo cultural, bem vão as coisas. Possui uma biblioteca com 700 livros, que é enriquecida quinzenalmente com um exemplar. Também têm havido sessões de cinema cultural e conferências. O clube edita, ainda um boletim para os seus associados.

O Mirantense possui, além do mais, um posto médico, sendo a assistência clínica prestada pelo próprio presidente da Direcção, dr. Valente Nogueira — uma dedicação extrema do clube.

Em tempos, o Mirantense promovia anualmente uma prova de ciclismo. Era a subida da Rampa da Rua Vale de Santo António (cujo n.º 15, 1.º andar, é comprado para sede do popular clube). A prova que deixou de ser realizada por falta de autorização superior em face do acréscimo de trânsito daquela artérias, inclusive com duas carreiras de autocarros.



Sócios disputando um torneio comemorativo do 22.º aniversário.

Esta primeira semana de Junho, é fértil em aniversários de «ases da bola».

Na quarta-feira comemora o 30.º aniversário o setubalense **Jacinto Mateus Forreta**, pois nasceu em 5 de Junho de 1921. Representa desde os juniores do Vitória.

Na quinta-feira, é o reservista belenense **Rosendo** que faz anos, porquanto nasceu em 6 de Junho de 1936, em Olhão.

Na sexta-feira, cabe a vez a **Daniel de Oliveira** de fazer anos. Não sabe quem é? É o «**Malícia**» da Académica. Celebrará o 27.º aniversário, pois nasceu em Arada-Ovar em 7 de Junho de 1927. Começou por representar a A. D. Ovarense em 1948-49 e até 1950-51. Transferiu-se depois para a Académica e à excepção da época de 1954-55 em que por motivo de serviço militar representou o Estoril, é na «Briosa» que tem jogado. E na selecção militar também...

No sábado, apontamos nada menos de três futebolistas: **Antonete, Nuno e Carlos Alberto**.



Jacinto



Nuno



Malícia

ESTA SEMANA FAZEM ANOS

Antonete José Carlos, é natural de Luanda, tendo representado de 1949-50 a 1951-52. De 1952-53 a 1953-54 esteve no Oriental; 1954-55 e 1955-56 no Salgueiros. Ao abrigo do serviço militar, representou esta época o S. L. Olivais. Festeja o 24.º aniversário.

Nuno Álvares Martins Gomes Rodrigues nasceu em Palhais (Barreiro) em 8 de Junho de 1934, pelo que completa 23 anos. Oficialmente só representa a Académica (desde 1953-54).

Por fim, temos o **Carlos Alberto Oliveira Jesus**, da Cuf. Nasceu em Lisboa em 8 de Junho de 1936 e nunca conheceu outro clube. ●

Parabéns a todos!

Antonete

Quando "pai" e "filho" ganhavam taças monumentais...

As coisas não correram muito bem, esta época, no «Nacional» para os dois Sportings — o «de Portugal» e o «da Covilhã». Houve tempo, porém, que tanto um como o outro, na mesma temporada, averbaram as monumentais taças instituídas pelo jornal «O Século». O duplo triunfo «leonino» ocorreu na época de 1947-48.

O Sporting Clube de Portugal ganhou o campeonato da I Divisão, tendo recebido as medalhas de campeões: Azevedo, Barrosa, Juvenal, Canário, Manuel Marques, Mateus, Jesus Correia, Vasques, Peirote, Travaços, Albano, Armando Ferreira e Veríssimo.

O Sporting da Covilhã ganhou o campeonato da II Divisão (pelo que ascendeu na época imediata à I) com a seguinte equipa básica: Ramalho; Craveiro e Franklin; Fonseca, Szabo e Fialho; Livramento, Teixeira, Ferreira,

Sensacional!

Ler no próximo número:

A mais completa entrevista que José Águas concedeu até hoje. Ilustrada com mais de uma dezena de fotografias!



DIZ QUEM SABE...



MIGUEL

(VITÓRIA SETÚBAL)

é o melhor marcador de «corners»
opina **JOSÉ PEREIRA**

Na marcação dos «corners» deve haver por parte da defesa o maior espírito de disciplina. Quem deve mandar é o guarda-redes. Inúmeros golos são marcados todos os domingos, só porque os defesas não obedeceram às indicações do seu guarda-redes. Quando este disse «larga», o companheiro deve obedecer imediatamente. Caso contrário, o guarda-redes perde o controle da situação, hesita e se o outro hesitar também, estão ambos perdidos.

Tudo se passa muito rapidamente de modo que tem de haver espírito de decisão. O guarda-redes deve colocar-se junto ao poste ao contrário do lado onde o «corner» é marcado, pois daí vê tudo o que se passa à sua frente. Tem de estar atento à posição dos adversários. Cada um deve estar vigiado, e ai do defesa que não obedecer à indicação para marcar um adversário com os movimentos livres... A mínima falta de cuidado pode ser um golo!

Evidentemente, que os adversários não se deixam ficar quietos à espera da bola. Tentarão desmarcar-se e compete aos defesas vigiá-los sempre. Porque a partir do remate do marcador do «corner», o guarda-redes só deve ter olhos para a bola. Calculará o sítio exacto onde ela cairá e se for ao seu alcance, tem a obrigação de, com as mãos blocá-la. A defesa a soco só se faz em último recurso e sempre do lado menos perigoso, inclusive outra vez para canto. Às vezes, os adversários, sem cometerem falta, estorvam-nos de tal maneira que é impossível bloquear a bola em boas condições, e então não há outro remédio se não socá-la.

A maioria dos jogadores marca o «corner» com a bola a cair sobre a baliza. Não considero esses os mais perigosos, mas os que são atirados para fora do alcance do guarda-redes. Estes são muito mais perigosos, dependendo dos defesas a interceptação imediata da jogada, ao passo que o guardião, instintivamente tem que colocar-se no ponto ideal, a «cortar» o caminho da bola. Como em geral estão muitos jogadores à frente, isso às vezes torna-se problemático.

A marcar «corners» considero actualmente Miguel, do V. Setúbal, o melhor. Dizem-me camaradas mais antigos que Simonyi era um «mestre» nisso.

Para terminar, descrevo a minha melhor defesa em «corner»:

Foi no Porto, quando ganhámos por 1-0. O Hernâni (que também não marca nada mal) apontou um «corner» do meu lado esquerdo. Saltei eu e Jaburu. O avançado-centro do F. C. Porto não chegou à bola com a cabeça, mas teve artes de interceptá-la com o corpo. E eu, mesmo no ar, tive que agarrar a bola que ele escondia com o peito, sem nem um nem outro cometer falta.



Já não há razão para a pergunta :

Raul de Figueiredo
a favor
ou contra
o **SPORTING**
na próxima
época?

Estamos em plena época de boatos, que se dizem e desdizem, a cada passo. Raul de Figueiredo no Sporting? Era uma hipótese. E já não seria a primeira vez. No final da época passada, como o Passos estivesse lesionado, e o Sporting defrontasse a selecção de Budapeste, foi Figueiredo emprestado aos «leões», por gentil anuência. A foto acima mostra o filho do saudoso «Tamanqueiro» envergando a camisola «verde-branca», que parece assentar muito bem...

Todavia, o «capitão» dos «azuis» já desmentiu tais pretensões; e, portanto, esta página apenas documenta um aspecto curioso da época que se atravessa, de boatos, hipóteses, sonhos...



Para nos falar da defesa de «corners» escolhemos o guardião internacional B do Belenenses, José Pereira, especialista em bolas altas. Eis o breve depoimento do jovem guarda-redes dos azuis de Belém, com conceitos e observações deveras interessantes.

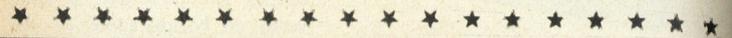


Equipas históricas

Sporting, primeiro campeão nacional de hóquei em patins!

O Sporting que ultimamente reorganizou a sua secção de hóquei em patins, trazendo assim um novo aliciente para a modalidade, não é um clube sem história nesse campo.

A prova-lo está o facto de serem os primeiros campeões nacionais de hóquei em patins! Em 1939, com a equipa formada por Gastão Silva, Alvaro Lopes, Alvaro Rato, Júlio Sanches, Alberto Mendes e José Manuel Carreira os leões sagraram-se campeões nacionais ao vencerem na final o Infante de Sagres (campeão do Porto). O Sporting ganhou ambas as partidas efectuadas — a primeira em Lisboa (Benfica) por 5-2 e a segunda no Porto (Palácio de Cristal) 4-3.



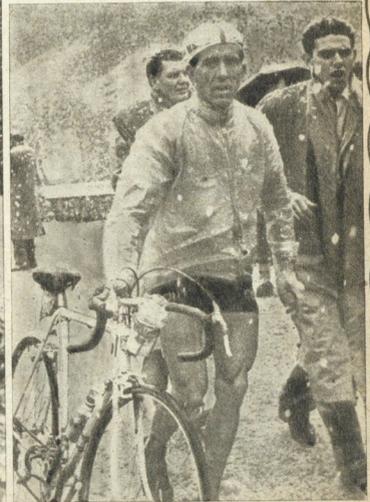
Dois argentinos do futebol francês



A «Volta à Espanha» tornou-se, definitivamente, uma prova ciclista de grande envergadura internacional.

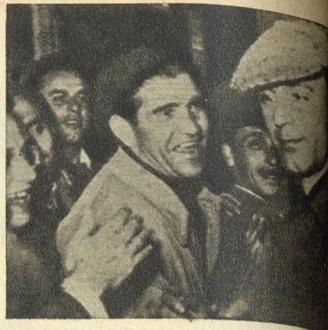
Para que nada lhe faltasse até a neve apareceu, no Monte de Pajares, na Fuente de los Fierros, a tornar mais dramática a caminhada dos forçados da estrada.

Estas imagens elucidam-nos bem do que foi o martírio dos corredores, nessa fantástica jornada.



Epidemia de apendicite...

Muitos dos nossos leitores devem estar lembrados do que aconteceu à selecção alemã que venceu o último campeonato do Mundo, e à qual affligiu estranho mal que fez arrear dela quase todos os seus elementos. Pois com o Juventus, conhecido clube italiano, uns quatro anos antes da epidemia dos alemães, aconteceu algo também de muito estranho. Um após outro (o conhecido Mucinelli, de urgência, até) foram operados quase todos jogadores, e, ainda, o treinador britânico, sendo o diagnóstico o mesmo: apendicite. E assim, foi possível fazer alinhar numa prateleira, os apêndices de dez jogadores — e ainda a solitária do «internacional» Parola!



Sem um dólar no bolso...

MAS FELIZES!

Casados recentemente em Praga, como noticiámos, festejados em Paris, onde se exibiram os esposos olímpicos, Harold Connolly e Olga Fikotova chegaram, enfim, a Nova Iorque; quando desembarcaram, o norte-americano e a

checoslovaca tinham consigo... 35 centimos aproximadamente sete escudos, na nossa moeda.

Olga foi calorosamente recebida pela sua nova família e pelos novatorquinos.

Aqui, como se vê, toda a gente está feliz, toda a gente sorri. E quando Olga sorri é de «fechar» o comércio, seja ele de Nova Iorque, Praga ou Paris. Ora reparem e digam lá se não é verdade!



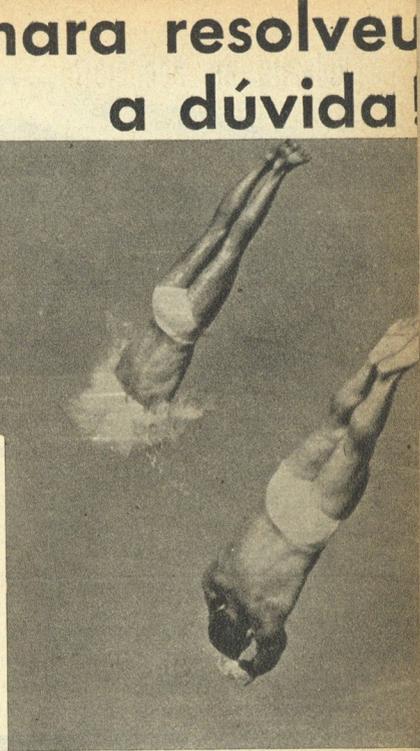
Di Stefano está feito um autêntico espanhol

No seu regresso de Inglaterra, depois de terem empatado com o Manchester United, no encontro a contar para a «Taça dos Clubes Campeões Europeus», os espanhóis do Real Madrid foram triunfalmente acolhidos pelos seus numerosos adeptos, O mais rodeado foi, sem dúvida, o prestigioso Di Stefano, que vemos aqui, exibindo um boné britânico, mas que lhe dá perfeito tipo de espanhol...

A câmara resolveu a dúvida!

Os espectadores que assistiam à demonstração de alguns nadadores norte-americanos, especialistas do mergulho, realizado em Miami, estavam convencidos de que a nadadora da direita havia penetrado primeiramente na água, do que o nadador do centro.

Mas a câmara fotográfica resolveu as dúvidas. Foi o nadador do meio quem ganhou a prova. Trata-se da norte-americana Marion Copping.



O futebol belga é fértil em quebracabeças para os estudiosos das leis do futebol. De vez em quando surge um problema: ou a bola bate no fio que atravessa o campo, ou um cãozinho que ia a passar diante da baliza, ou o árbitro que perde o apito no momento em que urgia assinalar «penalty», etc.... Um dos casos mais pitorescos passou-se há anos.

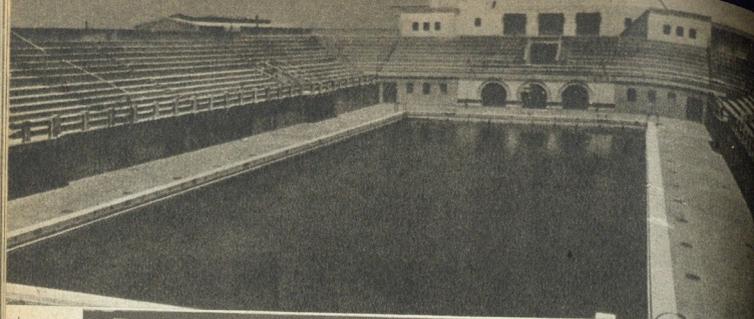
Um conhecido jogador viu-se de posse da bola, mas logo a seguir verifica que não se trata da que estava em jogo, mas

duma outra que fora atirada do exterior. Sem se perturbar agarrou na bola para a lançar fora, mas nesse momento alguém lhe endossa a bola verdadeira. O nosso jogador põe o esférico «falso» debaixo do braço, corre para a baliza com o outro — o verdadeiro — nos pés, rematou... e foi golo!

O árbitro validou o tento, mas indevidamente.

Não tinha mais do que apitar, quando surgiu o segundo esférico e marcar um lançamento de bola ao solo.

**UM GOLO COM
UMA BOLA
DEBAIXO DO
BRAÇO!**



Desporto no Extremo Oriente

O desporto chega a toda à parte, inclusive à China onde outrora era considerado prejudicial, ou ao Japão, onde vão realizar-se os Jogos Olímpicos de 1964. Nestes países asiáticos há o prazer dos jogos, até entre os aldeões, como se vê na gravura ao lado, que à falta de um campo de jogos e de material conveniente, parecem jogar andebol com bolas de neve...

O Japão é uma potência em nação. Vemos na segunda foto o

consagrado Furuhasih, um dos maiores nadadores mundiais, que nos deixa na dúvida se se encontra empenhado em bater um recorde ou a brincar com a água, aos repuxos...

E que diz o leitor do magnífico estádio náutico, capaz de fazer inveja a qualquer desportista lisboeta, que não possui ainda, na sua cidade, uma piscina pública? Pois disso se pode orgulhar a decantada, velha e nova Xangai!...



Quando eles tinham cabelo ..

Decerto, o leitor não se lembraria se não visse a foto. Houve tempo em que o Jesus Correia, do Sporting, e o Alberto do Estoril, tinham uma «linda queda de cabelo»... O tempo rodou e bastante caiu. Não quer dizer que tanto um como o outro já estão a envelhecer ou se encontrem calvos. Mas que ambos têm umas «entradas» pronunciadas, é que não há dúvida...

Ambos abandonaram há pouco o futebol. Vemos nas restantes fotos, o Alberto na sua «despedida», e Jesus Correia a ler, no remanso do lar. Ambos com muito menos cabelo do que naquela outra em que disputam a bola, na verdade...



OS DRAMAS



Avalio-se o estado de espirito de Remetter, despeitado desta maneira por um adversário contrário...

O guarda-redes, costuma dizer-se, é sempre a vítima. Tudo pode falhar. Ninguém repara. Os avançados, os médios, os «backs»... Tudo se cala! Mas se o «falhanço» é do «keeper»!... pobre dele! E no entanto, muitas vezes, só ele sabe os esforços que fez, com perigo até da própria integridade física, para evitar que as suas redes fossem tocadas!...

E com que vontade Carlos Gomes vai buscar a bola ao fundo da rede?



A angústia que se deve experimentar ao ver 70 quilos e umas botas com pitons «voarem» sobre si. E ainda quando os adversários são leais e saltam, bem vão as coisas...



DOS GUARDA-REDES

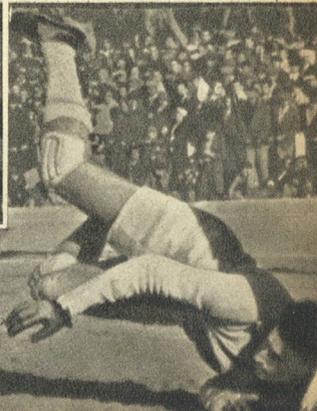


A «raiva» que deve fazer um golo metido por debaixo do corpo, como aconteceu a Pinho, a remate de Isidro...



E que estará pensando o italiano Ghezzi, desoladamente sentado, e a quem o massagista tenta levantar o moral?...

É o pago de tanto esforço é, por vezes, ficar estendido no solo, com uma brecha na cabeça, como sucedeu, certa ocasião, a Ramin.



Que dizer da cambalhota do «torriense» Cama, para «esperar» a bola?

Os retardatários

Um fotógrafo é realmente mestre se, a par das suas qualidades técnicas, possuir uma sensibilidade artística e de poesia.

Esta imagem, por exemplo, quadro extraordinário que mostra o ciclismo sob uma forma poética é digna de um pintor afamado.

Neste fim de tarde, o contra-luz encobre as máscaras dos ciclistas já retardatários.

Ninguém os incomoda... Talvez, ao longo da estrada, já ninguém se detenha para os aplaudir.

Apesar das carregadas núvens que ameaçam tempestade, dir-se-ia que estes homens regressam, calmamente, a casa, após intenso dia de trabalho. Tudo deve ser silêncio e paz! E no entanto, nesta mancha escura, quantos rostos não irão sofrer e quantos olhos não terão vontade de chorar?



O francês Jacquel tenta iludir adversários, árbitro, público e fotógrafo, retirando a bola da baliza...

E o belga Daenen, que vê a potência do chute adversário levar a bola a entrar nas redes e a voltar ao terreno sem que ele pudesse fazer algo...



As vezes não dá vontade de bater com a cabeça de encontro ao poste?!



Bizarrias de campeões

OS campeonatos do Mundo de Tênis de Mesa recentemente disputados em Estocolmo, foram férteis pela variedade de curiosos aspectos fornecidos por alguns dos participantes.

A delegação japonesa, por exemplo, fez-se notar não apenas pelo virtuosismo dos seus representantes, mas também pelo seu estilo pouco usado e pelas dimensões... muito variáveis das suas raquetes.

Estranha é a maneira de jogar do Tamaso que emprega raquetes em miniatura e nem por isso (ou talvez por isso...) deixa de ser um extraordinário «ás» do tênis de mesa.

Noutra foto, pode apreciar-se o estilo bizarro do malaio Eddie Choong, jogador de bandmin-ton.



**Coleccione
CRÓNICA
DESPORTIVA!**

YESO AMALFI Futebolista «rabcão» do «Red Star»

Eis o sr. Yeso Amalfi, o célebre futebolista brasileiro, recentemente regressado à Europa para voltar a envergar a camisola do «Red Star», de Paris.

Amalfi, que esteve o verão passado em Portugal e se mostrara disposto a ficar pelo Brasil, ou mesmo cá, não pôde resistir às saudades de Paris e vendo o seu clube em perigo meteu-se num avião e pronto — desceu, sorridente, em Orly.

Aqui o temos, antes do Jogo Red Star-Cannes, cuidando das suas botas, o que lhe dá a curiosa aparência de futebotista «rabcão».



Albano, um dos célebres «violinos» do Sportjng, vai despedir-se da actividade. Terá a sua festa ainda esta época, tudo se conjugando para que o pequeno-grande jogador seja distinguido com a consagração que merece.

Albano não foi um jogador qualquer. Cândido de Oliveira, «capitão» da primeira equipa nacional e várias vezes seleccionado, tendo visto, por isso actuar os melhores jogadores

O mais pequeno dos «violinos» vai despedir-se da actividade...

portugueses dos últimos quarenta anos, ao indicar-nos, certa vez, como formaria a «selecção portuguesa de todos os tempos», indicou-o como o melhor extremo português de sempre.

Supomos mesmo que, com a sua estatura (1,58 m.) poucos jogadores do mundo se lhe devem poder equiparar em categoria futebolística.

Albano merece de facto uma festa grande!



POR CAUSA DE

É verdade! Por causa de uma bola, estes basquetebolistas arrojaram-se todos uns sobre os outros, como se estivessem a jogar «ragbi» ou futebol americano... Não é lícito duvidar do entusiasmo destes rapazes...

UMA BOLA...



Do album de

Manuel Soeiro

Em 3 de Maio de 1932, num jogo contra a Inglaterra no Estádio do Lumiar, surgiu um novo interior direito na selecção portuguesa: Manuel Soeiro, do Sporting, fogaço, com sentido de infiltração, e com o fito predominante de alvejar a baliza. Logo ali marcou um golo, com pontapé no ar, que ficou célebre. Depois disso vestiu mais onze vezes o «jersey» das cinco quinças. Defrontou 4 vezes a Espanha, 3 a Suíça, 2 a Alemanha, uma o Jugoslávia, Áustria e Hungria. Marcou na selecção 4 tentos: Jugoslávia, Áustria, Espanha e Suíça.

Foi o primeiro «rei dos marcadores» do Campeonato das Ligas, em 1935 — feito



que repetiu em 1937. Da primeira vez — é interessante recordar — com 14 golos, seguido de Valadas, (13) e Artur de Sousa e Nunes, ambos do F. C. Porto, com 12 e da segunda vez, com 24, seguido dos benfiquistas Rogério de Sousa (19) e Espírito Santo (16).

Quando Peyroteo veio para o Sporting pensou-se que aquele pretendia desbancar o veterano avançado-centro «leonino», mas afinal houve lugar para ambos, até na selecção nacional. No Sporting, no «sistema dos 4 em linha» ideado por Cândido de Oliveira (mas não 4 na defesa...), Soeiro e Peyroteo no centro do ataque «fizeram miséria», como se diz na gíria futebolística brasileira.

Agora que os «leões» andam preocupados na aquisição de reforços para o seu «team», ocorre perguntar: quanto não dariam por um par de rematadores, como Soeiro e Peyroteo, no apogeu da sua forma?!

A SEGUIR: José Sério, o guarda-redes calmo que foi uma «pilha de nervos» em Madrid.



(1) — Brincadeira num estágio de Mafra, com Dyson aos ombros.

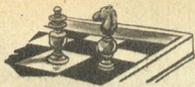
(2) — Outro guarda-redes que é hoje treinador: Cândido Tavares. Soeiro, sempre atento não lhe perdoará a menor falha...

(3) — Soeiro fura por entre duas defesas do Boavista, enquanto o guarda-redes se prepara para mergulhar no mar de lama. E sabem quem é o guardião? É Biri, o consagrado treinador luso-húngaro!

(4) — Perseguindo a bola num jogo Lisboa-Madeira.

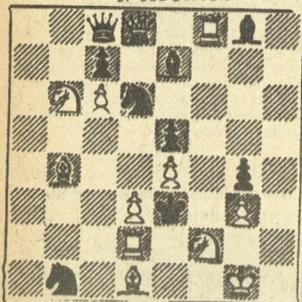


DESPORTO MENTAL



Xadrez

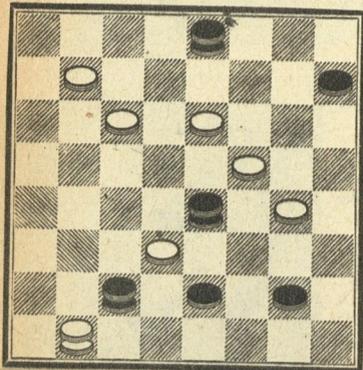
S. SEDGWICK



Mate em dois lances

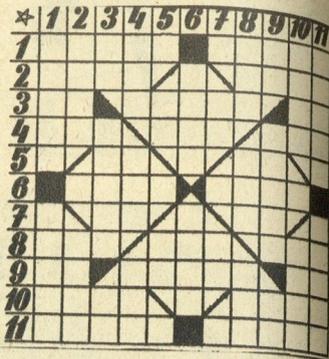
Damas

DE JULLO REIS FERREIRO



As brancas jogam e ganham

PALAVRAS CRUZADAS

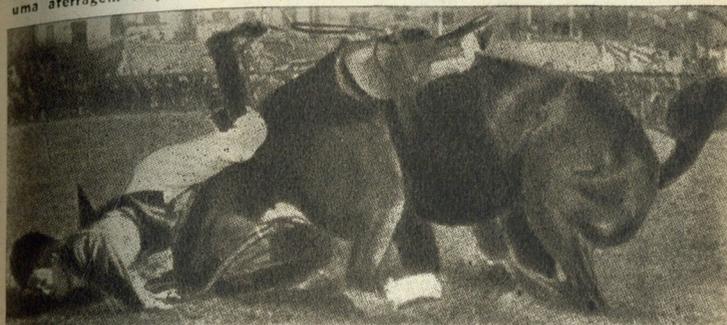


HORIZONTAIS: — 1 — Jogadores do Belenenses e Benfica. 2 — Épocas; des- crédito. 3 — Nome de Letra; Jogador da Académica; senhor. 4 — Sacerdote muçulmano; reza; parte de um jogo (voleibol). 5 — Nomes de letras. 6 — Jogador da Cuf; modalidade no atletismo. 7 — Campeão; graça. 8 — Aqui está; oceano; vazio. 9 — Consoante dobrada; jogador do Covilhã; preposição. 10 — De bronze; escuta. 11 — Antigo internacional espanhol; campeão mundial de hóquei.

VERTICAIS: — 1 — Jogadores do Al- mada e Belenenses. 2 — Caminharem; interjeição. 3 — Nociva; jogador do Ben- fica. 4 — Apêndice; aqui está; colocar. 5 — Laço; nota musical. 6 — Terreiro da igreja; cidade portuguesa. 7 — O sol (entre os egípcios); acusada. 8 — Medida; igual; entoa. 9 — Caminhei; internacional de futebol; nota musical (antiga). 10 — Nome de letra; pasta. 11 — Jogadores da Académica e do Spor- ting.

Quando o cavalo não ajuda...

A equitação é um desporto muito interessante mas não isento de aborrecimentos. Quando o cavalo não ajuda e dá em expulsar o cavaleiro, tudo pode acontecer, como mostram as imagens desta página: ser-se lançado para uma «cama» de arbustos, ou fazer uma aterragem forçada.





SABE QUE EQUIPA É ESTA?

A foto-enigma desta semana apresenta-nos sem dúvida a selecção nacional. Reconhecem-se: Cardoso, Amaro, Feliciano, F. Ferreira, Serafim, Azevedo, Lourenço, Araújo, Peyroteo, Caiado, Rogério... e só falta o Bentes que entrou mais tarde!... Não é preciso dizer mais nada, pois não? O nosso adversário foi..... e o resultado a nosso favor foi..... (Respostas nesta página).



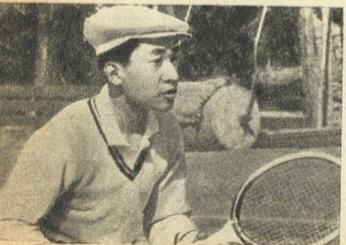
TÉNIS — desporto régio

O ténis tem conhecido, em todos os tempos, os favores reais... Já Gustavo V, da Suécia, foi um dos seus mais ferrosos e famosos tenistas.

Não ficaram para aí as tendências das gentes de alta estirpe pelo popular desporto.

Por exemplo, sabem quem é este entusiasmado desportista?

Nada mais nada menos do que o príncipe Akihito, filho do Imperador do Japão.



A imagem reflecte ainda um significado histórico altamente transcendente. Há um quarto de século seria possível fixá-la no celuloide? Na realidade, o desporto tudo vence, até os precoces milenários...

SOLUÇÕES DOS PASSATEMPOS DE HOJE

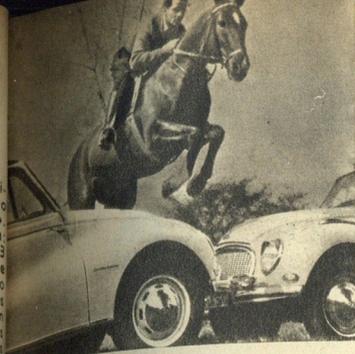
Damas — Eis uma brilhante composição sobre o velho tema «Bipolar». Vejamos o diagrama: apresenta um p. b. 23 ameaçado pela d. p. 30 e um p. b. 18 ameaçado pela Dp. 14 o que nos faz supor que as Br. têm 2 tempos de espera! Portanto: bem: a qualquer dos peões brancos dou o nome de «engôdo» porque na verdade eles não vão ser tomados pelas peças de ameaça. Assim: 22-26 «desvia a 1.ª peça de ameaça»; 18-21 (anula a 2.ª peça); 23-27 (a Dp. ocupa o polo superior e faz a desobstrução da casa 14 para criar um tempo às Br); 27-31 (auto-intercepção feita pela cavilha 18); 31-11 (leque com sacrifício); 4-1 (ângulo branco e ocupação do polo inferior). G. Parabéns ao autor por esta obra-prima! (Comentário do Dr. Orlando Lopes em «Eureka», donde foi extraído).

PALAVRAS CRUZADAS

- **Horizontais:** 1. Dimas Cavem; 2. Eras, Rosa; 3. Ce, André, sr.; 4. Imara, «set»; 5. Ce, pe; 6. Luís, Vara; 7. As, ri; 8. Eis, mar oce; 9. RR Pires, em; 10. Ereo, ouve; 11. Zarra, Matos, Verticais — Décio, Perez; 2. Irem, irra; 3. Ma, águas; 4. Asa, eis, por; 5. Nô, mi; 6. Adro, Faro; 7. Rá, ré; 8. Are, par, soa; 9. Va, Sério, ut; 10. Esse, cevo; 11. Marta Comes.

Foto enigma — Irlanda, 3-1.

XADREZ — Bc2.



A SUPERIORIDADE DO CAVALO SOBRE O AUTOMÓVEL...

Eis um magnífico instante vindo da Alemanha: o cavalo, montado por seguro cavaleiro, não se atemorizou perante o «trânsito» fechado por fila de automóveis, e com um elegante salto resolveu o assunto. Nisto, o equídeo personagem prova a sua superioridade sobre o automóvel, visto que este não seria capaz de saltar sobre ele...



GRAÇA FEMINIL

O patim avariou-se. Pois foi o bastante para que Erica Batchelor, gentilíssima patinadora alemã fosse surpreendida numa posição que é toda ela graça feminil. Não partilha da mesma opinião, caro leitor?



AR LIVRE

Estamos na época de verão e o ar da cidade parece-nos cada vez mais pesado. O campo e a praia chamam por nós.

Pratique o campismo, prezado leitor. Não há como um fim de semana passado ao ar livre. Uma barraca de lona parecer-lhe-á um palácio. Sentirá um apetite de lobo e todo o seu ser respirará um ambiente de tranquilidade que lavará a alma e os nervos fatigados por um ano de trabalho.

A praia é mais excitante, principalmente se se dedicar ao vertiginoso ski aquático como mostra esta imagem vinda da América. Mas nas praias portuguesas isso não é crível. Em todo o caso não lhe faltarão meios para praticar desporto, nem que seja a singela e salutar natação.

Fuja para o ar livre, amigo leitor!



ASES QUE NÃO SÃO ÍDOLOS

NUNO MOTA

Parece incrível como Nuno Mota — o melhor jogador do último Portugal-França universitário em Voleibol — consegue arranjar tempo para jogar, treinar-se e treinar os outros, estudar (é um futuro veterinário), trabalhar nos jornais e... amar! Ele próprio não sabe. Talvez a preparação e o espírito desportivos sejam a base do êxito de toda esta actividade que se reparte por tantos lados...

Nuno Mota, bom camarada, não se escusou à entrevista com que pretendemos dar continuidade a esta secção dedicada aos ases das modalidades menos populares. E assim as perguntas e respostas sucederam-se num ritmo de... voleibol... bola cá, bola lá...

P. — Porque escolheu o voleibol como desporto favorito?

R. — Porque, excluindo a ginástica, foi a primeira forma de desporto que conheci. No meu liceu, em Santarém, era ele o desporto-rei e eu não podia deixar de ser tentado...

P. — Sendo o Benfica o seu clube de sempre, porque só há poucos anos o representa?

R. — Quando vim para Lisboa (tinha 17 anos) tentei ingressar no Benfica. Inspeci-me e fui convocado para um treino. Lá fui cheio de esperanças. Mas no final um dirigente da secção, pessoa de quem hoje sou amigo, disse-me:

«Você tem jeito mas é muito novo. Apareça para o ano...» Apanhei uma desilusão! Frequentava o liceu nessa altura e convidaram-me a inscrever no Lisboa Cinásio... para dar um jeito em terceiras categorias. Não hesitei. Oito dias após o treino no Benfica, aparecia no Ginásio, não em terceiras mas em primeiras categorias, onde afinal, havia de permanecer cerca de oito anos.

P. — Porque saiu do Lisboa Cinásio?

R. — Pelo facto de escrever nos jornais!

P. — Essa é boa! Mas porquê?

R. — Um treinador, que teve uma passagem episódica pela secção do clube, não pôde compreender que eu fosse honesto perante os leitores, ao apreciar imparcialmente um jogo da nossa equipa, e dispensou-me. Como não era preciso, saí. Passados dois meses saía ele, incompreendido por todos...

P. — Custou-lhe abandonar o Lisboa Cinásio?

R. — Quando se está oito anos num clube, e o representamos com o maior entusiasmo e se é tratado desta forma custa sempre. Servem no entanto de lenitivo algumas boas amizades ali contraídas e que ainda hoje perduram.

P. — Tem experimentado dificuldades em conciliar as posições de crítico e de jogador?

R. — Poucas. Procuo sempre ser honesto, dizer apenas o que vejo, sem curar de agradar a A ou B. E assim poucas contrariedades se me têm deparado.

P. — Não está, então arrependido de se ter dedicado ao voleibol?

R. — De forma alguma! Sacrifiquei-lhe muitas das minhas melhores horas, mas hoje se pudesse voltar atrás, ainda mais lhe sacrificaria. É uma modalidade magnífica. Além de tudo recorda-nos constantemente que dependemos uns dos outros. Na vida também assim é...



P. — E gosta também de ser treinador?

R. — Imenso. Tive até já o prazer de ver alinhar ao meu lado, num jogo internacional, um jogador que preparei: Salvador Roquete, antigo junior ginasta.

P. — Porque escolheu o difícil lugar de «levantador»?

R. — Nos meus primeiros tempos de jogador, no tempo do remate transportado eu fui... rematador. Depois subiu a rede e talvez por ter melhor toque de bola fui dos poucos jogadores desse tempo que, embora mudando de missão, consegui manter-me.

P. — E satisfazem-no os resultados?

R. — Sim, porquanto já consegui quase tudo quanto um jogador pode aspirar: ser campeão nacional, «internacional», participar num campeonato do Mundo... Apenas nunca fui campeão de Lisboa!

P. — Quais os seus melhores jogos?

R. — Em Montpellier, pela Selecção Universitária em que fiz a melhor exibição da minha vida; no Porto contra o Leixões em que a crítica de lá me chamou jogador excepcional; contra a Coreia no Campeonato do Mundo; e agora em Paris, contra a França.

P. — Já se sentiu tentado em abandonar o Voleibol?

R. — Não. Só se de todo não puder. Sou um autêntico apaixonado. Veja: Quando voltei de cumprir o serviço militar sem forma possível, no clube, em ar de graça, o facto uma desonra resolvi «ter». De parceria com Jaime Duarte resolvemos treinar seis vezes por semana. Passado um mês era titular por mérito próprio...

P. — É verdade que é amador puro no voleibol?

R. — Tem-se dito muito, de facto, que eu ganho dinheiro no Benfica. Mas posso dizer-lhe categoricamente que o voleibol, monetariamente, só me deu prejuízo!



Nuno Mota prepara-se para saltar felinamente quando vier a bola.

P. — Já se sentiu tentado em abandonar o Voleibol?

R. — Não. Só se de todo não puder. Sou um autêntico apaixonado. Veja: Quando voltei de cumprir o serviço militar sem forma possível, no clube, em ar de graça, o facto uma desonra resolvi «ter». De parceria com Jaime Duarte resolvemos treinar seis vezes por semana. Passado um mês era titular por mérito próprio...

P. — É verdade que é amador puro no voleibol?

R. — Tem-se dito muito, de facto, que eu ganho dinheiro no Benfica. Mas posso dizer-lhe categoricamente que o voleibol, monetariamente, só me deu prejuízo!

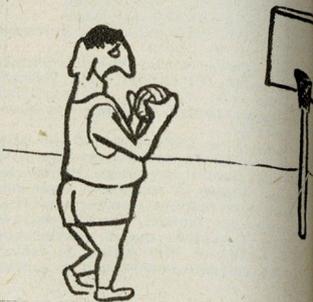
375 ANOS DEPOIS...



Esta imagem, tão simples na aparência, é bastante significativa. Há 375 anos não seria possível ver quatro portugueses tão tranquilamente sentados neste local... Trata-se nem mais nem menos de... Alcácer-Quibir, onde em 1578 se travou a mais trágica batalha da nossa História. Os tempos mudaram, porém. Este quatro portugueses — Fernando Ferreira, Nuno Mota, Jaime Duarte e Mário Lemos — são simplesmente jogadores de voleibol, componentes «ginastas» da selecção do Sul de Portugal que em 1953 visitou Marrocos, em missão fraternal de intercâmbio desportivo.

Tri-jogador (Benfica e selecções nacional e universitária) treinador e jornalista!

HUMOR NO DESPORTO



ELE PÔDE ENFIM SATISFAZER A TENDÊNCIA...



GODEAU

3.º CONCURSO DE ANEDOTAS

Para o 3.º concurso de anedotas desportivas, apenas apuramos uma, da autoria do Sr. Filipe Edgar Babo dos Santos, da Barragem de Picote. Ei-la:

— Como hei-de «fintar» este?!

N. 8

PREÇO 1\$50

2 DE JUNHO DE
1957

FOTOGRAVURA NACIONAL, LDA



É SERVIDO DO MEU ALMOÇO, LEITOR ?